

**A PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE SOBRE A LIDA COM O
PROCESSO DE MORTE DE PACIENTES ONCOLÓGICOS DE UM HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO DA CIDADE DE PELOTAS-RS**

JULIANO MARTINS DE MARTINS¹; **RODRIGO DA SILVA VITAL²**

¹ Universidade Federal de Pelotas – julianohpmartins1@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – rodrigosvital@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Com o passar dos séculos a sociedade foi modificando a sua compreensão sobre a morte. Se, inicialmente, as pessoas morriam em suas casas e esse fenômeno era entendido como algo natural, no íntimo de seus lares, hoje a morte tem sido um fenômeno cada vez mais institucionalizado, já que as pessoas têm deixado de morrer em suas casas para morrer em hospitais, separando o indivíduo em terminalidade do seu meio social (KOVÁCS, 2005).

De tal modo, a morte se tornou um tabu na sociedade ocidental atual, com esse fenômeno refletindo dentro das instituições de saúde, tendo em vista que os profissionais estão imersos em uma sociedade que tem a morte como algo que não deve ser vivido naturalmente. Com isso, esses profissionais acabam operando com essa visão em seu processo de trabalho, incluindo situações em que a morte deve ser compreendida, acompanhada e não negligenciada no cuidado em saúde.

Para os profissionais de saúde que acompanham pacientes oncológicos, a morte pode ser algo que permeia o cotidiano de trabalho. Este fato, porém, não é sinônimo de capacitação ou preparação profissional na lida com o morrer – quando o paciente morre, os profissionais podem ter uma visão de fracasso sem que isso, necessariamente, seja verdade, sendo importante que eles entendam esse fenômeno para desmistificar essa visão (BENEDETTI et al, 2013).

Isso acontece porque o despreparo dos profissionais de saúde para situações de terminalidade permite a sensação de insucesso, uma vez que é socialmente esperado que eles promovam uma cura da pessoa doente – um papel socialmente atribuído – com a “falha” dessa cura tendendo ao afastamento entre esses profissionais e os pacientes; o que impede a sua interação com o universo vivido no processo de morte (TAKAHASHI et al, 2008).

Diante desse contexto, este trabalho tem como objetivo descrever e compreender como os profissionais de saúde, que trabalham em hospital geral, lidam com o processo de morte dos pacientes oncologicos hospitalizados e identificar as dificuldades e facilidades enfrentadas na relação profissional paciente.

2. METODOLOGIA

O projeto foi enviado para a Plataforma Brasil, recebendo aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa por meio do parecer número 72596917.7.0000.5317, com a sua proposta tendo caráter qualitativo, transversal e descritivo reflexivo.

A abordagem qualitativa tem o compromisso de entender e visualizar um grupo social, buscando, assim, uma melhor compreensão do fenômeno que será estudado (NEVES, 1996). Nesse caso, o presente trabalho visa os profissionais de saúde de nível superior e que trabalham o mínimo de um ano no acompanhamento de pacientes oncológicos hospitalizados no Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas.

Para produzir as informações necessárias aos objetivos deste estudo, será utilizada uma entrevista semi-estruturada contendo seis perguntas abertas. Assim, após a realização das entrevistas, que serão gravadas em áudio e posteriormente transcritas, as informações encontradas serão submetidas ao método de análise de conteúdo segundo Moraes (1999), com o número de participantes sendo definido pelo método de saturação.

Os profissionais foram convidados a participar da pesquisa, com os seus objetivos e riscos estando explicitados e explicados na leitura do termo de consentimento livre e esclarecido que, após o consentimento do participante convidado, deverá ser assinado em duas vias (uma para posse do mesmo e outra para posse do pesquisador), ficando claro que o participante poderá se retirar a qualquer momento do estudo, sem que haja qualquer prejuízo para si ou seu ambiente de trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer da minha formação no programa de residência em Atenção à Saúde Oncológica da Universidade Federal de Pelotas, foi possível acompanhar o processo de morte de inúmeros pacientes oncológicos. Quando o processo de terminalidade dos pacientes estava eminente e a morte se fazia presente no cotidiano de trabalho dos profissionais de saúde, esse momento gerava, nos profissionais, algumas inquietações e dúvidas relacionadas sobre esse processo de morte.

Quando algum profissional conseguia verbalizar suas inquietações, eles traziam perguntas relacionadas à morte e o morrer do paciente, demonstrando que os profissionais, naquele momento, experimentavam algumas limitações para lidar com os acontecimentos inerentes ao processo de morrer.

Segundo Peres de Oliveira et al (2013):

Tem-se como hipótese que os profissionais de saúde veem a morte de maneira fria e como um acontecimento constrangedor e incômodo. Mas habitualmente esse tema não é discutido porque evidencia a limitação profissional. Portanto, é preciso refletir sobre este assunto, a fim de se buscar uma concepção menos carregada de associações negativas.

Assim, as inquietações sobre o processo de morte de pacientes oncológicos, e o que esse fenômeno causa nos profissionais, foram desencadeadores do meu interesse em estudar esse fenômeno, tendo como base a pesquisa científica.

4. CONCLUSÕES

Percebe-se que os profissionais de saúde já entrevistados, durante a coleta de informações, trazem a ausência de espaços que venham a discutir os assuntos relacionados à morte e ao morrer. Sendo assim, há a sugestão de que a instituição não está preparada nem para receber esse tipo de demanda, como também encontra dificuldades para promover uma formação continuada para a lida com um cotidiado permeado pela terminalidade de pacientes oncológicos.

Isso corrobora, com as dúvidas e dificuldades que os participantes têm apresentado sobre o tema.

Assim, através da execução dessa pesquisa, será possível contribuir com a qualificação dos profissionais de saúde que lidam diariamente com pacientes oncológicos hospitalizados, pois além de fomentar novas pesquisas nessa área, será possível evidenciar alguns elementos estruturantes de um futuro processo de formação institucional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEDETTI, Gabriella Michel dos Santos et al. Significado do processo morte/morrer para os acadêmicos ingressantes no curso de enfermagem. **Revista Gaúcha Enfermagem**, p. 173-179, 2013.

KOVÁCS, Maria Julia. Educação para a morte. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 25, n. 3, p. 484-497, 2005.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação, Porto Alegre**, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração, São Paulo**, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

Peres de Oliveira, Patrícia et al. Percepção dos profissionais que atuam numa instituição de longa permanência para idosos sobre a morte e o morrer. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 9, 2013.

TAKAHASHI, Carla B. et al. Morte: percepção e sentimentos de acadêmicos de enfermagem. **Arquivos Ciências da Saúde**, v. 15, n. 3, p. 132-8, 2008.